

O QUE MUDA COM A IDADE NÃO É O AFETO DE DEUS, É A QUEDA DO QUE NOS DISTRAÍA DELE

Reflexão sobre longevidade, desapego funcional e a sétima direção

Ainor Francisco Lotério

Agrônomo, filósofo, teólogo e Diácono Permanente. Extensionista rural por mais de três décadas, com pós-graduações nas áreas de psicopedagogia, comunicação e extensão rural, metodologia do ensino superior e gestão de marketing, e mestrado em gestão de políticas públicas. Foi professor, gestor público e prefeito municipal. Palestrante e escritor, criador da Agrosafia, filosofia e mística de vida fundamentadas nas forças agronaturais e nos princípios da sustentabilidade. Mantém o Sítio Agrosafia, na Comunidade Rural do Braço, em Camboriú, Santa Catarina.

Há uma ilusão persistente na vida religiosa: a de que Deus nos ama por etapas, mais quando somos úteis, menos quando adoecemos, e que a velhice seria uma espécie de rebaixamento afetivo, um amor concedido por misericórdia àquilo que já não rende. Essa ilusão nasce de um equívoco de perspectiva. Projetamos sobre Deus a lógica do mundo, e no mundo o afeto é sempre uma contrapartida: recebemos atenção enquanto entregamos resultado, somos procurados enquanto respondemos, somos lembrados enquanto ocupamos. Quando a entrega diminui, a procura diminui junto, e o coração conclui apressadamente que também Deus está se retirando. Não está. O que se retira é a multidão que se aproximava do nosso cargo, e que nunca esteve interessada em nós.

O afeto de Deus não é grandeza variável. Ele não cresce quando somos jovens e vigorosos nem decresce quando o corpo se recolhe. Antes de qualquer obra nossa já havia amor, e é esse mesmo amor que sustenta o instante em que nada mais podemos fazer. O que varia é a nossa capacidade de percebê-lo, e essa capacidade é inversamente proporcional ao volume de ruído que nos cerca. Deus não fala mais alto na velhice. Nós é que ficamos com menos coisas gritando por cima da sua voz.

Quem trabalhou a terra conhece esse fenômeno pela via da paisagem. No verão, a mata fechada esconde a linha do horizonte. Há folha demais, verde demais, exuberância demais, e não se enxerga o vale. É preciso que venha o inverno, que a folhagem caia, que a árvore fique aparentemente pobre, e então, de repente, aparece o rio que sempre esteve ali, correndo no fundo do terreno. A árvore não perdeu o rio no verão. Perdeu apenas a visão dele. E o rio nunca deixou de correr. A queda das folhas não é empobrecimento da árvore. É abertura do campo visual. Assim é a idade. Vão caindo as funções, os títulos, as convocações, os telefonemas, as presenças protocolares, e aquilo que parecia perda revela-se desobstrução.

Aprendi isso menos nos livros do que na convivência com as famílias agricultoras. Em mais de três décadas de extensão rural, vi lavouras, safras e gerações inteiras se sucederem, e vi também muitos pais que só descobriram a beleza da própria vida quando as mãos já não davam conta do serviço pesado. A formação acadêmica me deu método e vocabulário. A roça, a estrada e a convivência me deram o essencial, que é a compreensão dos ciclos. Tudo que é vivo cresce, produz, repousa e recomeça, e nenhuma dessas fases é superior às outras.

Por isso a velhice não é o crepúsculo da fé, mas frequentemente o seu primeiro amanhecer verdadeiro. Durante décadas cremos em Deus enquanto fazíamos coisas para Deus, e nunca soubemos ao certo onde terminava a fé e onde começava o ofício. A oração vinha misturada com a

preparação da homilia, a escuta de Deus vinha misturada com a escuta das demandas, e o serviço, que é nobre, funcionava também como um esconderijo confortável. Enquanto se trabalha para o Senhor, adia-se o encontro desarmado com o Senhor. Vem então o tempo em que já não há o que preparar, e resta o essencial, que é também o mais temido, que é estar diante de Deus sem currículo.

Convém dizer com franqueza que essa desobstrução dói. As folhas não caem sem que a árvore sinta o vento. Perder relevância é uma forma de luto, e seria desonesto espiritualizar depressa demais o que primeiro precisa ser chorado. Mas há uma diferença decisiva entre o luto que fecha e o luto que abre. Quem interpreta a perda de função como perda de valor adoece de amargura e passa os últimos anos cobrando do mundo uma dívida que o mundo não reconhece. Quem interpreta a mesma perda como queda de folhagem descobre que ganhou horizonte. Os fatos são idênticos, a leitura é oposta, e o destino de uma vida inteira se decide nessa leitura.

AS SETE DIREÇÕES

Costumamos dizer que a vida se orienta por seis direções. Todas elas são relacionais e supõem um interlocutor, um cargo, uma expectativa. Existe, porém, uma sétima, que não tem outro interlocutor senão Deus e nós mesmos, e que por isso não cabe nos intervalos da agenda.

1. **À direita** é a direção dos que caminham ao nosso lado e esperam de nós resposta imediata. É a direção do dever partilhado, boa e necessária, mas incapaz de nos revelar quem somos quando ninguém pergunta nada.
2. **À esquerda** é a direção dos que ficaram para trás na fila da vida e precisam de amparo. Ela nos ensina a compaixão, mas também nos prende a uma imagem de nós mesmos como aqueles que sempre sustentam.
3. **Para o alto** é a direção da transcendência buscada como socorro. Olhamos para cima quando precisamos, e nem sempre percebemos que a oração feita apenas na urgência é ainda uma forma de negócio.
4. **Para baixo** é a direção da terra, da origem e da finitude. Ela nos lembra que viemos do húmus e para ele voltaremos, e é uma direção sábia, porque devolve proporção a todas as nossas importâncias.
5. **Para a frente** é a direção do projeto, da meta, do que ainda queremos realizar. É a mais elogiada de todas, e também a mais capaz de nos manter permanentemente adiados, vivendo sempre no que ainda não chegou.
6. **Para trás** é a direção da memória, do que fizemos e do que deixamos de fazer. Bem olhada, gera gratidão. Mal olhada, gera remorso, e prende o tempo inteiro naquilo que não pode mais ser corrigido.
7. **Para dentro** é a sétima direção, a menos exercitada. É o olhar para a própria psique, o próprio coração e a vida como um todo. Não se visita a interioridade nas horas vagas. Ela se habita, e por isso exige a vacância inteira, o silêncio prolongado e a coragem de encontrar quem somos quando não somos mais função.

Há ainda uma gratuidade que só se aprende no fim. A vida ativa nos ensina a existir por mérito. Valem o que produzimos, somos amados na medida em que servimos. Essa pedagogia é útil e é falsa. Útil, porque organiza a existência e disciplina o caráter. Falsa, porque não é assim que Deus ama. O amor de Deus é anterior à obra e sobrevive a ela, e enquanto houver obra jamais teremos certeza disso, pois sempre restará a suspeita de que somos queridos pelo que entregamos. Só quando não há mais nada a entregar é que a gratuidade fica demonstrada. A velhice é, nesse sentido, a prova experimental do Evangelho.

O idoso que compreende isso deixa de administrar a própria decadência e passa a habitar a própria transparência. Torna-se mais leve não porque desistiu, mas porque descobriu que nunca foi ele quem sustentava o mundo. Reencontra o gosto das coisas pequenas, que a pressa havia confiscado: a luz da manhã, o nome dos netos, o silêncio depois da chuva, a memória dos pais, a serenidade de um dia sem pauta. E percebe, com certo espanto, que essas coisas não são consolações menores oferecidas a quem já não pode mais o que podia. São a realidade, finalmente vista sem interferência.

Nada disso significa que o mundo tenha razão em nos dispensar, nem que devamos aceitar como justiça o descarte dos velhos. Significa apenas que existem duas contabilidades em curso, e que elas nunca coincidiram. Numa, somos ativos que se depreciam. Noutra, somos filhos, e filho não se deprecia. A idade avançada tem esta função quase sacramental: separar as duas contabilidades, que a vida ativa mantinha convenientemente confundidas, e mostrar qual delas era a verdadeira desde o princípio.

No fim, o que se chama envelhecer é um processo de subtração que revela em vez de reduzir. Caem as folhas, aparece o rio. Cessam as vozes, ouve-se a Voz. Diminuem as direções externas, abre-se a direção interior. E aquele que temia chegar diante de Deus de mãos vazias descobre que as mãos vazias eram precisamente a única coisa que Deus, desde sempre, esperava para poder enchê-las.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002. (Jo 16,7; Sl 71,9.18; Is 46,4; 2Cor 4,16)

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido*. Petrópolis: Vozes, 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PAPA FRANCISCO. *Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.

PAPA FRANCISCO. *Catequeses sobre a velhice*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2022.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *O meio divino*. Petrópolis: Vozes, 2010.

TOLENTINO MENDONÇA, José. *Elogio da sede*. Lisboa: Quetzal, 2018.

LOTÉRIO, Ainor Francisco. *A eternidade em nós*. Camboriú: edição do autor.

LOTÉRIO, Ainor Francisco. *Pais frouxos, filhos sofredores. Pais firmes, filhos felizes: motivação, reflexões e agrosofia*. Camboriú: edição do autor.

LOTÉRIO, Ainor Francisco. *Paixão pelo cooperativismo*. Camboriú: edição do autor.

LOTÉRIO, Ainor Francisco. *Um minuto de inspiração*. Camboriú: edição do autor.

PUBLICAÇÕES DO AUTOR NOS PORTAIS

LOTÉRIO, Ainor Francisco. Conheça o Ainor: trajetória, formação e atuação. Disponível em:

<https://loterio.com.br/ainor-francisco-loterio/>

LOTÉRIO, Ainor Francisco. A trajetória, o portal e a presença digital de Ainor Lotério: uma identidade que antecede o algoritmo. Disponível em: <https://loterio.com.br/a-trajetoria-o-portal-e-a-presenca-digital-de-ainor-loterio-uma-identidade-que-antecede-o-algoritmo/>

LOTÉRIO, Ainor Francisco. Ainor Lotério e a família. Disponível em: <https://loterio.com.br/ainor-loterio-e-a-familia/>

LOTÉRIO, Ainor Francisco. Agrosafia e agricultura: mística da vida com base nas forças agronaturais. Disponível em: <https://ainor.com.br/agricultura/>

LOTÉRIO, Ainor Francisco. O grão de mostarda e a Agrosafia. Disponível em:

<https://ainor.com.br/categoria/agricultura/>

LOTÉRIO, Ainor Francisco. Textos e artigos sobre agricultura. Disponível em:

<https://loterio.com.br/categoria/agricultura/agricultura-textos-e-artigos/>

LOTÉRIO, Ainor Francisco. Palestra A eternidade em nós inspira busca por legado duradouro. Disponível em:

<https://loterio.com.br/categoria/blog/>

LOTÉRIO, Ainor Francisco. Publicações sobre longevidade e terceira idade. Disponível em:

<https://ainor.com.br/?s=Longevidade>

LOTÉRIO, Ainor Francisco. Blog do Ainor: textos, reflexões e registros de palestras. Disponível em:

<https://ainor.com.br/categoria/blog/>

LOTÉRIO, Ainor Francisco. Seção Geral: acervo de artigos e metatextos. Disponível em:

<https://ainor.com.br/categoria/geral/>

Texto de reflexão pessoal e formativa. Reprodução permitida com indicação da fonte e do autor.